

Semana de Arte Moderna

A FESTA DE HONTEM

Realizou-se hontem o segundo sarão da "Semana de Arte Moderna".

Iniciou-o o Sr. Menotti Del Picchia, o qual em elegante palestra, que damos adiante, discorre sobre o futurismo.

Esta palestra foi ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Luiz Aranha, Sergio Milliet, Tacito de Almeida, Ribeiro Couto, Mario de Andrade, Plinio Salgado, Agenor Barbosa e finalmente pela Senhorinha Ivonne Daumerie que executou varios numeros de dança.

Em seguida fez ouvir a consagrada pianista Guilomar Novaes, a qual interpretou varias composições de Chopin, Blanchet, Villa-Lobos e Debussy.

Recebeu ella, além de fartos applausos, diversas corbelhas de flores.

Em continuação, o Sr. Mario de Andrade realizou, na escadaria do "hall", em que se acha a exposição de arte, uma palestra sobre o movimento reformista em que se acham empenhados os organizadores destas festas.

Finalizou a festa um numero de canto e musica do qual se encarregaram os Srs. Frederico Nascimento Filho, Lucilla Villa-Lobos e o quarteto composto pela Senhorinha Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Orlando Frederico e Alfredo Gomes.

Eis a palestra do Sr. Menotti Del Picchia:

"Pela estrada de rodagem da via-lactea, os automoveis dos planetas correm vertiginosamente. Béla o Cordeiro do Zodíaco, perseguido pela Urca Maior, toda dentada de astros. As estrelas tocam o "jazz band", de luz, rhythmando a dança harmonica das espheras. O céu parece um imenso cartaz electrico, que Deus arrumou no alto, para fazer o eterno reclamo da sua omnipotencia e da sua gloria!.. Este é o estylo que de nós esperam os passadistas, para enforcar-nos, um a um, nos finos barraços dos assovios das suas vias. Para elles, nós somos um bando de bolchevistas da esthetica, correndo a 30 H. P. rumo da paranóia. Somos o escandalo com duas pernas, o cabotismo organizado em escola. Julgam-nos uns cangaçeiros da prosa, do verso, da escultura, da pintura, da choreographia, da musica amotinados na jaguçada do Canudos literario da "Paulicéa Desvairada...."

Que engano! Nada mais ordeiro o pacifico que este bando de vanguarda, liberto do totemismo tradicionalista, actualizado na vida policíada, violenta e americana de hoje. Ninguém respeita mais o "casse-tête", do guarda civico da esphina, que esse pugilão de fascinoras apparentes, ainda com as mãos fumegantes do sangue de Homero, Virgilio, Dante, Camões, Victor Hugo, sobretudo Zola e os néo-gregos, com Heredia á frente...

E' que si assassínamos, sem pena, papões inactuaes, beijamos-lhes com reverencia, os tumulos, amando-os com a alma localizada na data dos epitaphos das suas carneiras.

Aos nossos olhos riscados pela velocidade dos bondes electricos e dos aviões, choca a visão das mumias eternizadas pela arte dos embalsamadores. Cultivar o hellenismo como força dinamica de uma poetica do seculo, é collocar o corpo secco, enrolado em vendas, de um Ramsés ou de um Amnésis, a governar uma republica democratica, onde ha fraudes eleitoraes e grèves anarchistas.

Aos djscibulos de Sparta, oppomos Friedenreich e Carpentier. A' derrocada de Ilion, a resistencia de Verdun ou uma batalha de kemalistas. A's princezas de Calladas dos castellos roqueiros, preferimos a dactylographa garota. Não queremos phantasmas! Estamos num tempo de realidades e violencias.

* *

A nossa esthetica é de reacção. Como tal, é guerreira. O termo futurista, com que erradamente o etiquetaram, aceitamos porque era um cartel de desafio. Na geleira de marmore de Carrara do parnaziismo dominante, a ponta aggressiva dessa praça verbal estilhaçava como um arjete. Não somos, nem nunca fomos "futuristas". Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é, para nós, um Precursor illuminado, que veneramos como um general da grande batalha da Reforma, que alarga seu "front", em todo o mundo. No Brasil não ha, porém, razão logica e social para o futurismo orthodoxo, porque o prestigio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo esthetico repugna jaula de uma escola. Procuramos, cada um, actuar de accordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.

O que nos aggrega não é uma força centripeta de identidade technica ou artistica. As diversidades das nossas maneiras as verificaremos na complexidade das formas por nós praticadas. O que nos agrupa é a idéa geral de libertação contra o fakirismo estagnado e contemplativo, que annulla a capacidade creadora dos que ainda esperam ver erguer-se o sol atraz do Parthenon em ruínas.

Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fabricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte! E que o rufo de um automovel nos trilhos de dous versos, espante da poesia o ultimo deus homerico, que ficou, anachronicamente, a dormir e sonhar, na era do "jazzband" e do cinema, com a frauta dos pastores da Arcadia e os seios divinos de Helena!

* *

No seculo das descobertas, que foi o passado, o genio insomne das reformas trabalhava na obra de Cezanne, Rodin, Rimbaud e Wagner. No seculo da construção e aproveitamento dessas descobertas, encartamos no formidavel movimento de fixação basilar de uma nova esthetica, no qual, seremos, futuramente, os néo-classicos. O exotismo torturado dos obreiros da nossa directriz artistica não é mais que a poeira de ouro de uma grande nebulosa que dará a luz um novo mundo.

Não vos espante o dadaismo, o tactilismo, o cubismo, o futurismo, o bolchevismo, o erotatismo: são ingredientes magicos e ephemeros da alchimia humana, preparando o novo molde mental sobre o qual se repetirão, secularmente, os futuros academicos, os decadentes, e os passadistas. Nós somos o Alpha do novo cyclo. Queremos esfarrallar apenas os ultimos destroços do Omega do cyclo morto, para desenvolvermos a autonomia vibrante da nossa maneira de ser no tempo e no espaço.

Que é a nossa arte? Senhoras, choral a morto da mulher "leit-motif" das jeremiadas lyricas. Até hontem, poetas cabelludos, falsos como brilhantes pingos d'agua, só descantavam ELLA. Ella era o que Marinetti chamava a mulher fatal. Para elles — idiotas! — não havia automoveis, corsos, sapateiros martellando solas, ministros vendendo Patrias a varejo no balcão internacional de conferencias e tribunaes de arbitragem. ELLA era omnívora. Fazia carnivoros pensantes despençarem do viaducto do Chá em "loopings" imprevisitos. Scismavam debaixo dos salgueiros, em ou tomnos preparados pelos jardineiros do Sr. Firmiano Pinto. Picavam o braço com injeções de cocaina, que os faziam granar uns olhos rocamntos e furzantes como dous pharões de "voiturettes". E choravam, choravam, guedelhudos, inuteis, parvos, inactuaes, necessitados de Institutos Disciplinares e abluções de agua da Colonia.

Quando o recheio das empadinhas poeticas, que são os sonetos, não era um rabo de sáia, lá vinham, fatalmente, guizados com acespites venhaes parnazianos, os trunculentos deuses de Homero. ELLA ou Jupiter. A poesia cifrava-se nesse dilemma: Elvira ou o Olympo.

E — enquanto a engenharia moderna fazia cécegas nas estrelas com a unha de aço dos para-raios dos arranha-céus, e na pauta dos fios telephonicos a symphonia dos telegraphos orchestrava revoluções bolchevistas, trucidaciones de armenios, a descoberta de novos typos de hermes, elles, com os olhos cravados na Grecia caricatural do Rei Constantino, cantavam as estroinices de Vénus, a saturnal sórdida dos deuses, precursores obscenos do *Mazim's* e do *Apollo*, onde até hontem zuniam roletas!

Jupiter poderá entrar — em inactua Arte, mas não o admittiremos nu', inactual, cabelludo, como o acedam os parnazianos. Não queremos saber de escandalos, nem de ter que ajustar contas com a policia. O pai dos deuses, para evitar nas nossas ruas, é mister que vá, antes, ao barbeiro, vista uma sobria sobrecoçaca, deixe em casa o perigoso revolver olympico, que era a caixinha de revólver e burguez e pacifico, tal qual o pintou André Cide, se annulla na vida commum, na tragedia commum dos outros homens.

Basta de se exaltar artimanhas de Ulysses, num seculo em que o conto do vigario attinge a perfeição de obra-prima. Basta de se descrever as correrias dos satyros caprinos atraz das nymphas levipedas e esguas: a Babylonia paulista está chela de faunos urbanos e as nymphas modernas dançam maxixe ao som do "jazz", sem temer mais egipae da Republica... Morra a Hellade! Organizemos um zéperceira canalha para dar uma vala defní-

tiva e formidavel nos deuses do Parnaso!

E a "mulher"? Fóra a mulher-fetiche, a mulher-cocaina, a mulher monomania, "l'eternelle Madame"!

Queremos uma Eva activa, bella, pratica, util no lar e na rua, dançando o tango e dactylographando uma conta corrente; applaudindo uma noiteada futurista e vaiando os tremelicantes e ridiculos poetas de fírenos raros como o porco-espinho de cerdas.

Morra a mulher tuberculose lyrica! No acampamento da nossa c'villização pragmatista, a mulher é a collaboradora intelligente e solerte da batalha diurna e vóo no aeroplano, que reafirma e victoria brasileira de Santos Dumont, e crea o mecanico de amanhã, que descobrirá o aparelho destinado á conquista dos astros!

Só isso? Não. Não nos limitamos somente a banir da galola das rimas o fetiche "femina", nem a rechazar para a montanha e tropa olympica dos deuses. Queremos libertar a poesia do presidio canoro das formulas academicas dar elasticidade e amplitude aos processos technicos para que a idéa se transubstancie, synthetica e livre na carne fresca do Verbo, sem delatá-la, antes, no leito de Procusto dos tratados de versificação. Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade dentro da mais espontanea liberdade. Ser, como somos, sinceros, sem artificialismos, sem condecoracionismos, sem escolas. Sonorizar no rhythmo original e profundo, tudo o que reboue nas nossas almas de sino, carrilhando as alleluias das nossas intimas paschoas dobrando a angustia dos nossos lutos. Dar á prosa e ao verso, o que ainda lhes falta entre nós: ossos, musculos, nervos. Poder, com a coragem de um Géca que desbasta a foice uma capoeira, a "selva aspera e forte" da adjectivação frondosa, farfalhada, incompatível com um seculo de economia, onde o minuto é ouro. Matar Verleaine, esse desalentado. Wilde, esse psychopata. Zola, esse açougueiro. Farrère, esse Ohnet de cassa, Geraldy, esse almofoadinho...

Nada de postico, meloso, artificial, arrevesado, precioso: queremos escrever com sangue — que é humanidade; com electricidade — que é movimento, expressão dinamica do seculo; violencia que é energia bandeirante.

Assim nascerá uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mysterio.

Neste palco, ha mezes, quem tinha uma casaca para se sentar numa poltrona, ou 20\$000 para se encarapitar nas torrinhãs, assistio a esta cousa inaudita: Quarto acto de Mephistopheles de Boito, Fausto e Mephisto vão ao Olympo á procura de D. Helena, uma senhora bonita e deshonesta, que fugio de Menelau, seu predestinado marido, e fez Cassandra dizer prophcias. Ulysses inventar o Cavallo de Troia Enéas fugir com o velho Anchises para o Lacio. Aos requebros da batuta de Marinuzzi, appareceram em scena os deuses da Grecia! Quem eram? Jupiter Marte, Mercurio, Vulcano, Plutão, Neptuno... Claro que, no palco, eram comparsas gigantes latrões italianos, de pernas felpudas, gestos de pantomima. Na cabeça, por corôas reaes tinham pedaços de lata. O ouro de suas tunicas de ganga era feito com papel pintado. O espadagão de Marte era da estanho. Os raios de Deus, de ferro batido...

Pois bem, essa ridícula comparsaria gaialta, lembrou-me todo o parnazianismo, com seus heróis de papelão, com seus deuses de fancia, com seus menestrels de gravura...

Hoje que, em Rio Preto, o "cow boy" nacional reproduz, no seu cavallo chita, a epopeia equestre dos Rolandos furbundos; que o industrial de vilão aquillina amontoa milhões mais vistosos do que os de Cresco; que Edu' Chaves reproduz com audácia paulista o sonho de Icaro, por que não actualizamos nossa arte, cantado essas Illidas brasileiras? Por que preferimos uma Athenas cujos destroços de Acropolis já estão pontilhados de balas de metralhadoras?

Não. Paremos d'ante da tragedia hedionda, a cidade tentacular radica seus ganglios numa area territorial que abriga ... 600.000 almas. Ha na angustia e na gloria da sua luta, odysséas mais formidaveis que as que cantou o aedo cego; a do poerario reivindicando seus direitos; a do burguez defendendo sua area; a dos funcionarios deslizando nos trilhos dos regulamentos; a do industrial combatendo o combate da concurrencia; a do aristocrata exhibindo o seu fausto; a do politico assegurando a sua escalada; a da mulher que quebra as algemas da sua escravidão sexual nos gummicos aventados pelas idéas libertarias post-bellum... Tudo isso — e o automovel, os fios electricos, as usinas, os aeroplanos, a arte, — tudo isso fórma os nossos elementos da esthetica moderna, fragmentos de pedra em que construhemos, dia a dia, a Babel do nosso Sonho, ao nosso desespero de exilados de um céu que fulge lá em cima, para o qual galgamos na ancia devoradora de tocar no as mãos ás estrellas!

* *

Estou certo que não vos espantou nosso programma. Vou mais longe: sinto que nos destes razão. Pois bem, para que tenhais testemunhos das afirmações de agora, passemos em revista as forças dos avanguardistas da "Arte Moderna". Em primeiro lugar, o romance. Vai fallar Oswald de Andrade.

O romance moderno tende, como vistes, a transformar-se em poema. E' um vôo constante entre o céu e a terra, onde haure a vida para esvaziá-la no alto, no desespero humano do incognoscivel, contempnado sempre pelo profundo lyrismo que é a nota predominante da corrente nova.

O romance actual não é mais o mexerico psychologico de Bourget, nem a dissecação anatomica de Zola. Quanto á forma, procura a synthese, ganhando o estylo em côr e sonoridade, quanto perde em adjectivação, que é vacuo verbal. A' nota parnorâmica, allia-se intimamente o estado de alma. E' physio-psychico, simultaneamente terreno e celeste. E por tudo, a doirar tudo, a engrandecer tudo, a espiritalizar tudo, lyrismo, lyrismo, muito lyrismo!

* *

Vejam agora a Poesia. Senhores: o Sr. Mario de Andrade vai recitar.

Este é quem escandaliza de arraaes somnolentos da arte paullista, com a clarinada escarlate dos seus versos allucinados.

Não catalogar como um entomologista, á maneira de Mario de Andrade. O professor avisado e culto, que estuda o ver-naculo em frei Luiz de Souza e João de Barros, que conhece as litteraturas classicas de todos os paizes, a quem são familiares as rimas de Kiu Youen na China, de mil annos antes de Christo, e os flammejantes e ultra-modernos "Alcools" de Apollinaire, crea, com sua "Paulicéa Desvairada", uma arte sua, individual, chocante, feita de estilhaços de syntheses verbaes, de impressões, de symbolos, de epigrammas como se elle fosse um bizarro photographo de almas e paizagens, que imprime, successivamente, na mesma película sensível, todos os flagrantes que a bohemia Kodak do seu espirito fixou no seu maravilhado passeio pela vida.

Essa feição artistica de Mario, é como um nababesco "bric-brac" de imagens, sarcasmos, trechos anímicos, dos quaes um só isolado faria a fortuna de um poeta. Confundidos assim — pismo e indiferença, angustia e gargalhada, paizagem e emoção — chocam, pelas violencias imprevisitas dos contrastes que na nossa educação sensitiva normal percutem como pedras.

Curto é o tempo, longa é a arte, cacete a parpalatice. Vamos adiante! Outro poeta vai recitar.

Prontito! já está passada em revista uma ala da coorte do exercito avanguardista da "Arte Nova". Talvez algum chocasse vossa sensibilidade com o arrojado das suas concepções ou com a originalidade da sua technica. Pouco importa! O certo é que, em todos esses galhardos artistas, sente-se o sopro reformador, abolicionista da escravidão litteraria que jungia uma Arte ao tronco do Passado.

Como todos os Precursores encontrarão Herodes da critica a querer decapital-os. Invertendo, porém, a anedota biblica, a Salomé dançarina, longe de querer-lhes as cabeças em salvas de prata, vai interceder por elles dançando ao vosso respeito.

A poesia viva do seu corpo rimando as estrophes ephemeras dos seus gestos, será, para vossos olhos, a alegria que os vossos aqui recitados foram para vossos ouvidos...

Yvonne Daumerie a "esgalga chamma" musical e esgula, vai dansar. Os Precursores partem. Fica Salomé!

Disse.

SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

A "Liga Agrícola de Palmeiras", recentemente installada em Palmeiras, enviou á administração central da "Liga Agrícola Brasileira", o seguinte offício: "Palmeiras, 11 de Fevereiro de 1922. Exmo. Sr. Director da Liga Agrícola Brasileira — S. Paulo. — V. Exmo. o grato dever de comunicar a V. Ex. que, com a presença do representante legal Sr. Pedro N. de Menezes, foi hoje installada a Liga Agrícola Regional deste municipio, ficando a sua Directoria provisoria assim constituída: Presidente da Liga, Coronel Antonio Martimiano de Moura Albuquerque; vice-Presidente, Joaquim de Lacerda Abreu; Secretario, Octaviano de Alvarenga Freire; Thesourero, Miguel Bodra; Conselho Deliberativo: José Ramos dos Santos Sobrinho, Joaquim Osorio Ribeiro de Oliveira, Manoel Marja, Ambrogio Margutte, José Euzebio de Carvalho, Albino Frisamo, Amelio de Souza Pinto, José Manoel de Carvalho, Antonio Candido de Carvalho, Jonas Jacintho Alves de Moraes, Bento José de Araújo, Manoel Pedro Gandova, Gabriel Rodrigues de Oliveira Camaço e Ferrão de Fiori; Conselho Fiscal: Dr. João Ba-



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.